

PENSAR PELAS MARGENS: DERRIDA, A DESCONSTRUÇÃO E O DESAFIO DAS INSCRIÇÕES

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e o Labirinto de Inscrições**. Porto Alegre, RS: editora Zouk, 2008. 284p.

Mauro Franco Neto*

Edmund Husserl descrevia certa vez que um nome pronunciado diante de si transportou-o para a galeria de Dresde e sua última visita a ela, quando ele e outros perderam-se pelas salas e detiveram-se diante de uma tela de Téniers que representa uma galeria de quadros. Sugere então que os outros quadros dessa galeria representam, por sua vez, novos quadros capazes de revelar inscrições que, por sua vez, seriam passíveis de ser decifradas, etc. É com essa descrição de Husserl que Jacques Derrida responde a Henri Ronse que toda sua obra nada mais seria que longos comentários a essa passagem, de modo a revelar um “labirinto inscrições” que somavam-se indefinidamente. A alusão de Derrida a um labirinto, ao contrário do que foi feito por toda a filosofia ocidental, não visa encontrar sua saída e resolver o dilema, mas sim ampliar suas dimensões e inseri-lo numa posição privilegiada da reflexão filosófica, aquela que tem como pressuposto mais elementar “não se orientar conscientemente no pensamento”.

A partir dessa resposta de Derrida, Rafael Haddock-Lobo traça as primeiras linhas do livro *Derrida e o Labirinto de Inscrições*, publicado em 2008, como decorrência de sua tese de doutoramento defendida apenas um ano antes na PUC do Rio de Janeiro. Dividido em sete momentos, o livro percorre boa parte do que seria uma primeira fase do movimento da *desconstrução*, composta pelos anos finais da década de 1960 e aqueles iniciais de 70. Passando por entrevistas, por obras mais canonizadas do autor como *Gramatologia* e *A escritura e a diferença*, até chegar no processo de *disseminação*, Haddock-Lobo investe em

* Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio, com bolsa pelo CNPq. E-mail: franconeto.m@hotmail.com

retirar delas os aspectos mais relevantes para uma discussão inicial dessa árida trajetória intelectual, mas que, como ele procurará evidenciar, é de extrema relevância para o pensamento contemporâneo.

Antes, porém, de iniciar uma aventura labiríntica pela obra de Haddock-Lobo, cabe fazer menção ao momento de recepção da obra de Derrida no Brasil que ela se insere. Esse percurso teve início na década de 70, conforme atestam as primeiras edições traduzidas pela Editora Perspectiva de São Paulo, ganhando mais força no Rio de Janeiro onde estudiosos, principalmente aqueles sob supervisão de Silviano Santiago, construíram interpretações sobre a obra do filósofo francês e que tomaram forma através de um Glossário (tarefa um tanto quanto ingrata devido a natureza do “projeto” desconstrucionista, como veremos) publicado em 1976. Santiago, certamente impulsionado pelo debate então corrente, empreendia uma leitura da obra derridiana no sentido de desconstruir elaborações da chamada “teoria da dependência”, e também do cânone literário, que relegavam à produção cultural dos trópicos um espaço nada privilegiado, em decorrência da sua condição periférica no capitalismo. Propunha que o discurso latino-americano encontrava-se num “entre lugar”, distante de pretensos purismos e originalidades, realçando a natureza plural de toda realização humana.

Podemos dizer ainda que nos anos seguintes, a obra de Derrida foi mobilizada gradualmente nas reflexões dos estudiosos brasileiros por via de problemas que cada vez mais recebiam destaque como consequências da crescente integração mundial, principalmente aqueles relacionados à migrações, diásporas, problemas éticos e também religiosos, entre outros. A obra de Haddock-Lobo, tendo o autor a vantagem de conhecer tudo isso que já foi dito, traz contribuições que interessam a todos os estudiosos ligados a disciplinas como a história, a literatura e a crítica literária, a linguística, a própria filosofia, e outras que tiveram a estrutura de seus projetos colocadas em debate pela *desconstrução*. Optamos aqui mais por uma apresentação de momentos fundamentais que recortam a obra, do que propriamente uma descrição linear de seus capítulos que, mais limitaria, do que ajudaria nossa reflexão.

O primeiro passo dado por Haddock-Lobo, seria então delimitar uma estrutura fundamental da *desconstrução*, mas como fazê-lo, reitera o autor, quando esta preza propriamente por não ter um objeto central e nem organizar-se com as rígidas concepções

das ciências modernas? Fazer uma sondagem nesse pensamento do “nem/nem”, requer uma posição crítica frente aos dualismos da tradição metafísica. Ou seja, colocar-se num “entre”, nem verdade nem falsidade, nem presença nem ausência. Mais que isso, o fato de Haddock-Lobo chamar esse intento inicial de uma an-arquitetura da *desconstrução*, vai em direção de uma ausência importante de uma orientação normativa e reguladora e que pretende instalar-se economicamente (não sistemática), pensando aquilo que a história da filosofia foi capaz de dissimular ou interditar, fazer justiça a um “outro” que, seja o “signo” ou seja a “presença”, sempre deixam escapar.

Ao leitor certamente vem na sua mente a tentativa de Heidegger, algumas décadas antes de Derrida, de demolir a oposição metafísica e colocar a possibilidade de pensar o não-pensado naquilo que tange o sentido do Ser. Contudo, Haddock-Lobo é preciso ao identificar que para Derrida não se trata aqui de ultrapassar ou romper com a metafísica, o que haveria então é uma sua *transgressão*, que não é aqui sinônimo de ir para além dela ou da linguagem – uma vez que instaura-se ainda mantendo-a como ponto de apoio – mas que guarda um certo tipo de *transgressão* justamente por duvidar de pressupostos centrais ao pensamento metafísico como aquele entre “interior” e “exterior”. A *desconstrução*, reforça o autor, coloca-se no “limite”, nas “margens” de um pensamento sempre em movimento, sem estar certa de estar dentro ou fora. Cabe no caso buscar uma língua sempre ‘estranha’, sempre ‘estrangeira’, uma língua que tenha na ressignificação, na remarcação, esta estranheidade.

Para tanto, os *Indecidíveis* de Derrida atuarão como uma forma de desmonte do “logocentrismo” – o centramento da metafísica ocidental no significado – e criarão as condições para fazer justiça àquele “outro” que a metafísica sempre deixou escapar. Os *Indecidíveis* apostam justamente na crítica do dualismo e na ausência do significado transcendental, para assim colocar-se como um pensamento do “não querer-dizer”. Um pensamento, nas palavras de Haddock-Lobo: “que excede – interrogando-os – o querer-dizer e o querer-ouvir-se-falar” (HADDOCK-LOBO, 2008, p.24). É assim que quase-conceitos como “grama”, “rastros”, “hímen”, “pharmakon” e outros, constituem esse pensamento do “nem/nem”, sendo ao mesmo tempo ou bem isso, ou bem aquilo. Eles não expressariam um sentido estável, mas uma cadeia de remetimentos, uma variedade de inscrições, um labirinto, tal como avisado pelo diálogo inicial com Husserl. Um caso

específico que o autor se detém com mais profundidade, é ao analisar a *différance*, mobilizada por Derrida e que recorro ao *Glossário* elaborado por Silvano Santiago:

Neo grafismo produzido a partir da introdução da letra *a* na escrita da palavra *différance*. A *différance* não é ‘nem um conceito, nem uma palavra’, funciona como ‘foco de cruzamento histórico e sistemático’ reunindo em feixe diferentes linhas de significados ou de forças (...) ‘Esta discreta intervenção gráfica’ (*a* em lugar de *e*) será significativa no decorrer de um questionamento da tradição fonocêntrica, dominante desde épocas anteriores a Platão até os estudos linguísticos de Saussure.¹

Na tradição fonocêntrica, a fala se confunde com o ser como presença e seria responsável pela transmissão de um ente. Com o uso de *différance*, Derrida opera arriscando-se a “nada querer-dizer”, aceitando o jogo desse neo-grafismo de que nenhuma palavra, conceito ou enunciado é capaz de sintetizar a partir da presença teológica de um centro, o movimento e espaço textual das diferenças. Seria para Haddock-Lobo, colocar mal a pergunta então caso buscássemos pelo o que “significa” *différance*. Ela não significa. É uma perversão da língua que não sendo palavra ou conceito, não deixa contudo de produzir efeitos conceituais, como um feixe que reuniria diferentes direções.

Colocada tal an-arquitetura da *desconstrução*, a obra de Rafael Haddock-Lobo não tarda a tocar no tema da linguagem e do signo que atravessou as preocupações da filosofia no do século XX, e que tiveram no pensamento de Jacques Derrida o espaço de uma aguda reflexão. Em *A voz e o fenômeno*, Derrida tem como missão, de acordo com Lobo, trazer ao debate um certo senso de fazer justiça ao excesso do qual a língua fonética não dá conta, uma vez que fundamenta-se na metafísica da presença que crê na autoridade da fala frente a escrita. Sobre essa ilusão ocidental de que a fala consegue representar e a-presentar um ente, instala-se uma impropriedade de compreensão que é a da sinonímia entre *logos* e *phoné*. É nessa trajetória de pensamento filosófico do ser como presença que reside um solilóquio, em que se nega a se deixar ouvir a voz do “outro”, ou seja, aquela voz que crê presente a si, através da produção de presença, seria a voz de muitos outros então obliterados.

Tem Haddock-Lobo, sem dúvida, grande mérito ao fazer justiça com o pensamento derridiano e sua extrema preocupação ética. Ao contrário do que afirmam alguns estudiosos

¹SANTIAGO, Silvano (sup.) **Glossário de Derrida**. Dept. Letras PUC-Rio; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. Grifos do autor.

que se dedicaram a ver na obra de Derrida um conjunto de falácias da pós-modernidade sem nenhuma preocupação com o dito “mundo exterior” – sejam eles mais desconhecidos como Alan Sokal, ou mesmo pensadores do porte de Jürgen Habermas – Lobo faz questão de reiterar o incômodo de Derrida e seu desejo ético de fazer justiça com o “outro” no pensamento filosófico ocidental. Para tanto, ele insiste na limitação do espectro da presença, procurando não reificá-lo e conclui: “Portanto, para um novo ‘começo’ é preciso ao máximo se afastar do absoluto, que é o saber absoluto, que na verdade é o saber. (...) pois é preciso, então, pensar *outramente*.” (HADDOCK-LOBO, 2008, p.55)

Qualquer figura que ocupe um papel solar e grande estabilidade na filosofia é motivo para o incômodo de Jacques Derrida. Não é diferente com o lugar ocupado pelo “signo” no pensamento chamado por Derrida de logocêntrico. Ali o signo é sempre “signo de”, ele representa, toma seu lugar, ele “significa” algo – o referente, o significado. Como a palavra significa a coisa. É o signo então que garantiria a unidade entre o significante (a face material) e o significado (presença). Este é um claro exemplo para Derrida na infeliz aposta do logocentrismo entre uma clara diferenciação entre fora e dentro como categorias estáveis. Essa separação ocultaria um entrelaçamento entre significante e significado, de tal maneira que um só significa na sua relação com o outro. Em suma está em jogo para Derrida, pontua Haddock Lobo se referindo à sua clássica obra *Gramatologia*, mostrar a inadequação do conceito corrente de linguagem. E aqui a natureza de seu pensamento ético em procurar novas formas de enfrentar esse desafio, não mais como a tradição que negava o labirinto de inscrições em que estamos imersos, em privilégio de uma suposta coerência entre mundo e linguagem, entre presença e ausência.

O quase-conceito de *escritura* que se utiliza Derrida, vem como mais uma forma de abalar o edifício metafísico em que se assenta a concepção de que a palavra deva expressar o significado. Mas aqui o surgimento do significante escrito coloca um novo desafio, pois o significado escrito pode propagar-se indefinidamente, para além da presença e da autoridade do “querer-dizer”. Como lidar então com essa infinidade de significados em potencial advindos do escrito? Certamente o primeiro passo é reconhecer que a linguagem é somente um momento da *escritura* e que a presença não se revela de maneira homogênea, tomando a fala de maneira puramente referencial, como se ali estivesse apenas para transmitir um conteúdo.

O pensamento da *desconstrução*, e isso é importante para o argumento de Haddock-Lobo, não se caracteriza então pela ruptura, mas pela tensão. O “logos” não foi colocado à terra, mas “de-sedimentado”, ele e as significações que dele foram consequências, e aqui uma em especial é aquela de “verdade”. A proposta é lidar com a multiplicidade e com a ausência da “verdade” fálica, absoluta. Isso não quer dizer inviabilizar a escrita e nossas formas de conhecimento, mas complexificá-las a tal ponto que não faça mais sentido insistir em objetos “em si” ou “absolutos”. Podemos apontar então que em uma certa “lógica” derridiana, está a ausência do “significado em si” que carregue a noção de verdade, de uma presença, de uma origem. Tomemos como exemplo a tarefa do historiador e sua maneira de lidar com o documento histórico que fora redimensionada após contribuições como essa de Derrida e de outros investigadores. O documento agora, antes de ser prova cabal, é apenas um passo a mais em direção ao conhecimento.

Está implícito aqui uma reconfiguração do que, nas palavras de Haddock-Lobo, se entende por “texto”, uma vez que ele agora “é somente lisível em apagamento, não mais em seu ‘interior’. Contudo, isso não indica que se leia o texto pelo seu ‘exterior’, mas sim na quase-apagada delimitação de suas *margens*, indica que os textos são lidos nos rastros e nas dissimulações e nunca ‘enquanto tais’.” (HADDOCK-LOBO, 2008, p.194). Tomar o texto não em sentido linear e centrado em si, e colocar-se de uma maneira não-estruturalista perante a linguagem, é mais uma das contribuições que essa ciência humana denominada história pode nos oferecer, de acordo com Jacques Derrida. Segundo ele uma de suas maiores dignidades “consiste em abordar, por privilégio, nos atos e nas instituições dos homens, a imensa região do sonambulismo, o quase-tudo que não é a pura vigília” (DERRIDA *apud* HADDOCK-LOBO, 2008, p.131).

Hoje é recorrente na historiografia valer-se do conceito de “experiência” como aglutinador de uma dada vivência histórica e chave explicativa de uma época. Isso não parece assim certo no pensamento de Derrida. Ele é embaraçoso na medida em que busca trazer a presença, que faz-se necessário revelar “as coisas mesmas”. Não se trata então do impulso fenomenológico da vivência ou do contato, de enxugar a linguagem para revelar “a coisa mesma”. Trata-se, segundo Lobo, de um enveredamento, de um percurso que não se dá na forma de presença ou ausência, mas que produz efeitos, produz seu próprio jogo. Já que nenhuma reativação da origem poderia plenamente dominar e despertar a presença, há

que se substituir a noção de signo por aquele de *rastro*, um outro *indecidível* que, mesmo não se presentificando, produz seu jogo.

Descontada a presença e a origem – que nunca existiram – mais duas interessantes questões são enfrentadas por Haddock-Lobo. Em primeiro lugar, nos faz um convite à repensar noção de “livro” como símbolo do “logos”, da pretensa unidade da *escritura* que se dissimula e traveste de “obra completa”, cêntrica, fechada, etc. Se retornarmos à já aqui dita “dispersabilidade” dos significados advindos do escrito, da impossibilidade da apreensão da presença, é necessário colocar em discussão a noção de “livro” tal como o “logos” a concebeu. A passagem do livro para a *escritura* traria consigo a temática da “ausência”, ou seja, a *escritura* não se pauta em um lugar fixo e determinado, mas – para seguir aqui o exemplo de Haddock-Lobo – no limite, na clausura. Seria necessário deixar de lado o deserto e a cidade, ou melhor, ver no deserto um labirinto invisível e, por sua vez, uma cidade na areia.

Já em um segundo momento, a noção de “contexto” perde sua eficácia por apostar numa precisa determinação conceitual de uma época. Vejamos que tal como Haddock-Lobo analisada a ideia de “comunicação” em Derrida, ou seja, não apenas como passagem de um conteúdo e de um sentido único, abre-se a possibilidade de que conceitos sejam deslocados, perturbados em seu “contexto original”. Se os conceitos primam por essa instabilidade até então obliterada pela metafísica, um contexto nunca é absolutamente determinável. A inesgotabilidade de toda determinação conceitual, e portanto contextual, nos permite então colocar que “contexto” seja um conceito sempre de caráter apenas provisório e que não pode mais ser compreendido sob a categoria de “comunicação”, como puramente transmissão de sentidos. Não havendo esse algo a transmitir de maneira pura, autor e leitor colocam-se na mesma condição. A *escritura* é, sobretudo, órfã.

Antes de encerrar, é preciso fazer justiça com um dos momentos mais belos do livro de Haddock-Lobo, os paralelos com a literatura brasileira. E o autor explica, através de uma passagem de Blanchot, o porquê da escolha da literatura como interlocutor fundamental da sua relação com Derrida. Diz o escritor francês: “Iniciei-me na literatura escrevendo livros para dizer que não podia escrever absolutamente nada.” (BLANCHOT, *apud* HADDOCK-LOBO, 2008, p.144). É na literatura que essas brechas ao pensamento tão mais honestamente se permitem falar, que tem como objeto mesmo essa ausência de

objeto. O “instante impronunciável” chamado de “x” por Clarice Lispector em “Água Viva”, é propriamente aquilo que a metafísica negou e que Jacques Derrida busca trazer à tona. Mais que isso, pensar a tarefa de uma filosofia preocupada em última instância com um substrato ético, é fazer como Riobaldo em “Grande Sertão” que diz beber água de todo rio, que diz rezar cristão, católico e aceitar a doutrina dele, de Cardéque: “Tudo me quieta, me suspende. *Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório.*” (ROSA *apud* HADDOCK-LOBO, 2008, p.25, grifos do autor). Ora, a filosofia não pode ser nem sombrinha, nem remédio. Por isso a *desconstrução* é o pensamento da vigília, um pensamento insuportável e destranquilizante, encerra Haddock-Lobo. Ela é insuportável porque a atitude típica do pensamento é oferecer sombrinhas metafísicas.